A competição cria asas

Encontrado um nicho para seu produto, o pequeno produtor tem boas chances de garantir espaço no mercado

ELSIO A. P. FIGUEIREDO

No Brasil, os primeiros imigrantes da colônia exploravam pequenas propriedades rurais em atividades diversificadas: cultivavam milho, trigo, aveia, feijão, mandioca, batata-doce, cana-de-açúcar, fumo, abóbora; pomares produziam uvas, pêssegos, ameixas, pêras, maçãs, figos, laranjas e nas hortas se exibiam verduras, legumes, temperos e chás. Jardins floridos embelezavam o cenário colonial.

Pastoril e bucólico

Era característica dessas propriedades a atividade zootécnica, com gado de leite ou misto, animais de tração, suínos, aves, abelhas e, menos freqüentemente, cavalos, ovelhas e cabras.

Os nutrientes necessários ao desempenho de cada atividade eram reciclados entre as atividades dentro da porteira – pouquíssimos insumos eram adquiridos – e a mão-de-obra era genuinamente familiar.

Os plantéis da avicultura colonial eram mistos, carne e ovos, e os reprodutores eram trocados na vizinhança para "refrescar o sangue". Não se utilizava ração balanceada e as aves eram alimentadas com milho, mas tinham acesso a outros alimentos que balanceavam sua alimentação espontaneamente, uma vez que o sistema utilizado era o de criação à solta, com pernoite e postura no galinheiro.

A reprodução era efetuada via choco no inverno–primavera. Os machos eram abatidos por volta dos seis meses de idade, após uma semana de gaiola para receber uma alimentação de milho, "que favorecia a engorda e limpeza do intestino".

Remanescentes do sistema de criação colonial, temos hoje as galinhas caipiras, aves produzidas em algumas regiões do país, também chamadas "pé-duro", "da roça" ou "do sertão".

Os tempos mudaram

As grandes integrações de avicultura de corte se iniciaram nesse cenário. Parceiros, os pequenos proprietários foram evoluindo ao longo de várias décadas, até chegar ao estado atual: um cenário de pequenas propriedades com grandes instalações de avicultura de corte, geralmente automatizadas.

Poucas das numerosas atividades diversificadas do início da integração foram mantidas. Essas atividades já não são suficientes nem tão importantes para a permanência das novas gerações na propriedade: os investimentos necessários são maiores, os juros ainda são altos e a margem de lucro cada vez menor. Atualmente os filhos de colonos começam em atividades mais lucrativas, com menor investimento inicial.

No caso da avicultura de postura a situação é diferente. O produtor tem mais controle sobre investimentos, custos e receitas, mas também existe a tendência para aumentar a escala. A agravante na avicultura de postura é a preocupação com o destino dos dejetos, que aumenta a necessidade de investimentos.

Voando cada vez mais alto

Ao mesmo tempo em que a globalização nos trouxe informações sobre o comércio e os produtos dos demais países, trouxe a competição acelerada por tecnologias, produtos e serviços.

Atividade de grande versatilidade, a avicultura rapidamente se adaptou aos novos tempos com o crescimento em escala, racionalização dos custos, otimização dos processos e programas de qualidade total.

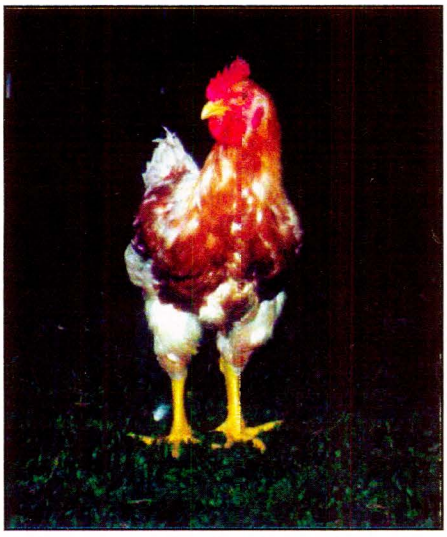
A má notícia é um certo grau de exclusão de alguns produtores, principalmente os mais descapitalizados e os menos eficientes. Para continuar na atividade industrial, a propriedade teve que virar uma empresa que use pouca mão-de-obra da própria família e não utilize alimentos produzidos na propriedade como antigamente.

Os aviários de corte modernos são altamente automatizados. Os alimentos devem ser elaborados de modo que o frango alcance o peso de abate em apenas 45 dias, com alta uniformidade, e que a poedeira – que geralmente não é integrada e usa menos automação do que o frango de corte – alcance uma produção de mais de 300 ovos no primeiro ciclo de postura.

As granjas e integrações que ainda utilizam tecnologias mais antigas tendem para esse caminho, a menos que sejam viabilizados sistemas alternativos.



Poedeira colonial Embrapa 051 (ovos castanhos)



Frango de corte colonial Embrapa 041

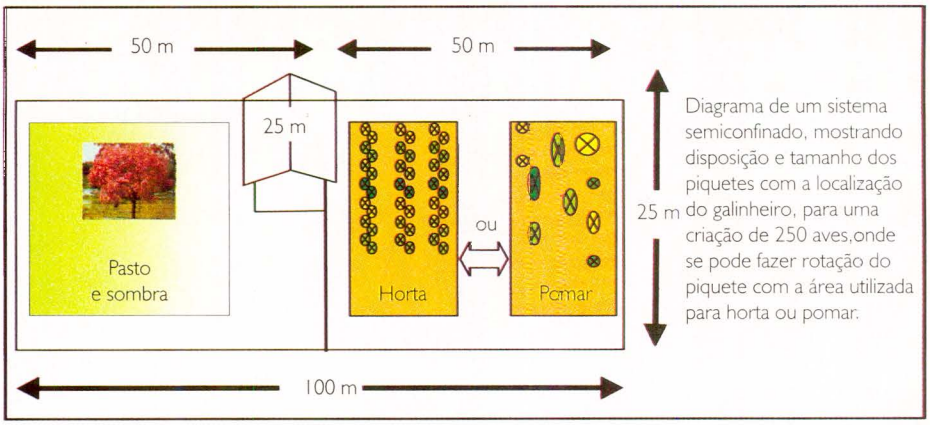


Diagrama de um sistema semiconfinado, mostrando disposição e tamanho dos piquetes com a localização do galinheiro, para uma criação de 250 aves, onde se pode fazer rotação do piquete com a área utilizada para horta ou pomar.

O CONSUMIDOR MANDA

Atento às mudanças, o consumidor, cujo poder aquisitivo tende a crescer, demanda produtos diferenciados e de maior valor agregado. Preocupa-se também com questões relativas ao bem-estar animal – boas práticas de produção, higiene e conservação, apresentação, embalagem, valor nutricional –, atributos que garantem a qualidade do produto.

Resta aos pequenos proprietários brasileiros se organizarem em cooperativas, fazendo valer sua condição de produtores rurais e procurando nichos de mercado para seus produtos.

A organização é imprescindível para se ter acesso à tecnologia e uma escala de produção que permita o fluxo contínuo de produtos de alta qualidade, com inspeção. Graças à globalização, pode-se compartilhar essa luta pela conquista do espaço com grupos semelhantes do resto do mundo.

A agregação de valor aos produtos naturais – agroecológicos, orgânicos, coloniais, caipiras – é possível e encontra um mercado em expansão, como se pode ver nas gôndolas dos melhores e maiores supermercados e feiras livres do país.

Organizados, esses grupos não se arriscam a adquirir mais do que o necessário fora da propriedade rural e necessitam de genética apropriada para sistemas de produção menos artificiais e mais naturais.

SEM VOLTA AO PASSADO

Muitas técnicas modernas da avicultura se impuseram pela eficiência e não devem ser desprezadas. Conhecimento, tecnologia, monitoramento, manejamento deverão ser repensados para acelerar o estabelecimento de sistemas alternativos de produção e agregação de valor. Seja qual for a atividade desenvolvida, não será possível sobreviver como produto colonial ou artesanal sem um nicho de mercado compensador e sem agregar valor ao produto.

Mas modernizar não quer dizer cair nas armadilhas de *marketing* de empresas transnacionais agressivas na criação artificial de demandas tecnológicas que logo se tornam obsoletas e têm que ser trocadas por outras mais caras ainda.

TECNOLOGIAS E LINHAGENS

Atenta às transformações do sistema produtivo brasileiro, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária procura desenvolver tecnologias e linhagens que possam contribuir para a avicultura nacional: genótipos de galinhas mais apropriados para nichos de mercado e sistemas de produção alternativos, que valorizem a mão-de-obra do produtor rural e os recursos de sua propriedade.

As linhagens coloniais de frangos de corte e galinhas de postura estão contribuindo para o estabelecimento de um novo cenário, principalmente nas comunidades assistidas pelos serviço de extensão rural.

As tecnologias desenvolvidas pela Embrapa têm que ser transferidas ao produtor rural mediante programas organizados de extensão rural e assistência técnica e também de crédito facilitado.

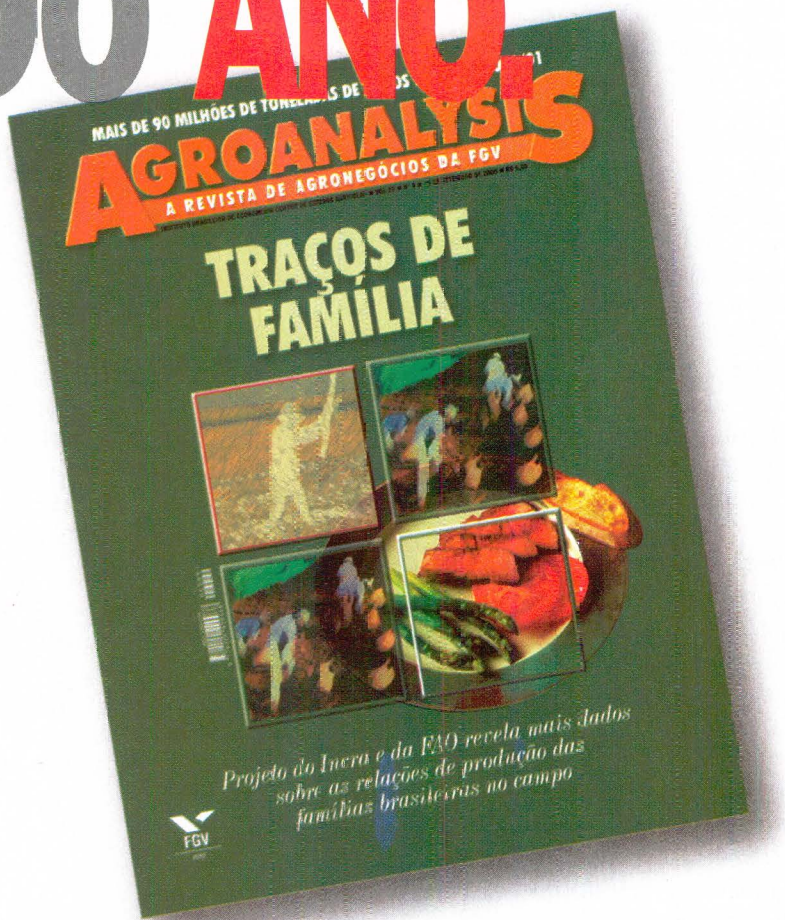
De acordo com um projeto maior de genética avícola iniciado em 1985, nos últimos três anos a Embrapa Suínos e Aves de Concórdia, Santa Catarina, concentra esforços no desenvolvimento de linhagens mais rústicas, de crescimento mais lento, alimentadas com produtos da propriedade – uma opção a mais para produtores que desejem trabalhar com seus recursos e consumidores que preferem produtos diferenciados.

CORTE E POSTURA

Os cruzamentos utilizados envolvem as raças Rhode Island Red e Plymouth Rock, tanto para frangos de corte como para galinhas de postura, porém com participação diferenciada de cada raça em cada produto.

O frango de corte colonial – Embrapa 041 – alcança peso ideal de abate aos 85 dias e pode ser criado solto com 28 dias de idade. Consome em torno de 6kg de ração balanceada mais alimentação alternativa como pastagem, hortaliças e frutas. As carcaças apresentam aspecto mais magro e anguloso do que as do frango industrial, com

FGV ELEITA VEÍCULO DO ANO



A Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo acaba de eleger por unanimidade AGROANALYSIS, a revista de agronegócios da Fundação Getulio Vargas, o Destaque de Comunicação Rural no ano 2000. Sabe como é, né? A gente fica assim meio sem jeito com um prêmio dessa natureza... No fundo, no fundo, a gente bem que está gostando... Obrigado, pessoal. Valeu!

AGROANALYSIS
A REVISTA DE AGRONEGÓCIOS DA FGV

Nós fazemos com gosto.

tendência a que a gordura se localize mais na parte visceral – sendo retirada na evisceração – e menos na pele.

A poedeira colonial Embrapa 051 apresenta coloração castanha escura e também pode ser criada solta após os 28 dias de idade. Inicia a postura com 140 dias, pode produzir até 280 ovos de cor castanha, se forem bem alimentadas.

A incidência de choco é baixa. Os ovos pesam em média 60g. As galinhas consomem em média 100g de ração por dia durante o período de produção, mais a alimentação alternativa disponível. Quanto mais caroteno na dieta, mais pigmentação alaranjada conterá a gema.

Instalações rústicas

Os sistemas para produtos coloniais em geral são de escala pequena, com tamanho médio de 250 aves, tanto para frangos de corte como para galinhas de postura. Exigem cerca de 10m² de área para exercício e produção de alimentos complementares. As propriedades podem destinar cerca de 2.500 m² para essa atividade.

À medida que aumenta o número de aves, deve-se tomar mais cuidado com as condições sanitárias. Em sistemas muito grandes, talvez a opção do confinamento total seja a mais indicada. No tamanho sugerido, as instalações poderão ser rústicas e até reaproveitadas de outra atividade.

São necessários um abrigo – onde as aves serão criadas até cerca de 28 dias –, equipamentos de aquecimento e de alimentação dos pintos.

Na fase inicial, a alimentação deve ser o mais balanceada possível para não gerar deficiências num período em que as aves são mais vulneráveis. Por isso recomenda-se adquirir ração pronta para essa fase.

Após 28 dias as aves podem ser alimentadas com opções diversas, conforme a disponibilidade de alimentos na propriedade e a recomendação da assistência técnica para garantir o balanceamento da ração. Também é necessário um plano de controle sanitário com a assistência do médico veterinário da região.

Elsio A. P. Figueiredo é pesquisador da Embrapa Suínos e Aves e bolsista do CNPq.